

Hayek teria votado para ficar

Para conjecturar qual teria sido a posição de Hayek no referendo britânico sobre a UE e sobre o estado atual do projeto europeu, mais genericamente, é instrutivo considerar a sua biografia.

TRADUZIDO POR **Raquel Duque**

Para conjecturar qual teria sido a posição de Hayek no referendo britânico sobre a UE e sobre o estado atual do projeto europeu, mais genericamente, é instrutivo considerar a sua biografia. A primeira metade da longa vida de Hayek foi caracterizada pelo desenrolar constante da ordem liberal na qual ele tinha nascido. Em 1899, a Europa estava praticamente sem fronteiras, com apenas um punhado de países mais subdesenvolvidos, como a Rússia e o Império Otomano, a requerer os passaportes nas suas fronteiras. Era um mundo de comércio livre, imigração em grande escala, baixa tributação e pouca regulação dos assuntos privados e um elevado nível de inovação cultural.

Tudo isso desapareceu quando a obra mais popular de Hayek, *O Caminho para a Servidão*, foi publicada, em 1944. A sua terra-natal, a Áustria-Hungria, uma monarquia multinacional, poliglota, cosmopolita e – no final do século XIX – liberal foi dissolvida e substituída por Estados-nação, muitos deles produto de desígnio humano nas várias conferências de paz. A Primeira Guerra Mundial interrompeu a expansão do comércio mundial, enquanto a Grande Depressão viu desafiado o consenso em torno da política monetária – o padrão-ouro – e



POR **Diego Zuluaga**

Institute of Economic Affairs, London

da política económica – *laissez-faire* – e depois substituído por abordagens mais intervencionistas. Finalmente, a Revolução Russa de 1917, a ascensão ao poder dos fascistas de Mussolini em Itália e a eleição de Hitler em 1933, todos estes acontecimentos introduziram formas de governos socialistas em grande parte da Europa.

Estes eventos e o horror da Segunda Guerra Mundial moldaram os desenvolvimentos do pós-guerra. Por um lado, o planeamento do governo de uma parte significativa da atividade económica era considerado um dado adquirido. Este foi o caso mesmo nas economias “livres” do Ocidente, que competiam por domínio intelectual e político com os países comunistas não-livres. Por outro lado, foram criadas instituições – GATT, FMI e ONU – numa tentativa deliberada para promover a paz, evitar as políticas económicas prejudiciais do período pós-guerra e encorajar relações mutuamente benéficas entre países.

A vida de Hayek foi dedicada a ir para além e construir as bases intelectuais de um movimento que iria trabalhar para restabelecer uma versão atualizada e melhorada da ordem mundial pré-1914. Algumas das suas principais obras – *Individualismo e Ordem Económica*, *O Caminho para a Servidão* – examinam profundamente o tipo de instituições internacionais que são necessárias para a liberdade e paz florescerem. Outras – *Os Fundamentos da Liberdade*; *Direito, Legislação e Liberdade* – consideram as fundações jurídicas e constitucionais nas quais as sociedades livres crescem.

Um ensaio em particular, “As Condições Económicas do Federalismo Interestatal”, oferece um vislumbre do que Hayek teria considerado uma federação económica desejável e bem-sucedida. Escrito em 1939, este texto é notável não só pelo otimismo do autor num período de escuridão, mas também pela presciência das suas observações. Noções conhecidas de qualquer um que esteja familiarizado com a UE de hoje, tais como “a livre circulação de homens, bens e capitais” e a emergência de um “mercado único” são tratadas extensivamente no ensaio.

Nele, Hayek argumenta que a integração política precisa de integração económica sob a forma de comércio interno livre, uma vez que as barreiras protecionistas tenderão a levar a atritos entre regiões e a acabar por



minar a federação política. Ele postula que a integração económica servirá para promover a paz entre os Estados constituintes e eliminar os incentivos à proteção. Conclui que os laços económicos através de instituições internacionais são não só desejáveis, mas também um desenvolvimento essencial para que seja restaurado o verdadeiro liberalismo: “a revogação das soberanias nacionais e a criação de uma ordem de direito internacional efetiva é um complemento necessário e a consumação lógica do programa liberal.”

Ao ler o ensaio de Hayek fica-se com poucas dúvidas de que ele teria encontrado muito para gostar na União Europeia como a conhecemos hoje. A integração económica através de instituições internacionais – primeiro a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, depois a Comunidade Económica Europeia, em seguida o Mercado Único Europeu – tem corroído implacavelmente o protecionismo nacional e serviu para aumentar os padrões de vida até das regiões mais pobres dos países membros menos desenvolvidos.

Talvez, para desgosto dos defensores do mercado livre eurocético, Hayek tivesse olhado com aprovação para o aparecimento da moeda única em substituição das várias moedas nacionais. Ele teria ficado aliviado ao sa-



Hayek teria apreciado muito o envolvimento britânico no projeto europeu, como uma influência moderada nas tendências construtivistas dos políticos continentais e um contrapeso liberal saudável ao corporativismo alemão e ao estatismo francês

ber que o *ethos* do Banco Central Europeu herdou em grande parte a tradição de moeda forte do Bundesbank, em vez das propensões inflacionárias dos bancos centrais franceses, italianos e espanhóis. E embora ele pudesse

ficar desiludido com o facto de a política monetária ainda pertencer ao monopólio público, ele certamente saudaria a “desnacionalização” da gestão da moeda e a sua transferência para um organismo supranacional.

Nem tudo sobre a UE teria sido do agrado de Hayek, claro. Em particular, penso que ele teria sido muito crítico do construtivismo dos dirigentes da UE e do seu impulso tolo para criar uma identidade europeia em vez de deixá-la surgir gradual e espontaneamente. Ele, provavelmente, também ficaria chocado pelo nível de regulação centralizada proveniente das instituições da UE. No entanto, acredito que ele teria visto esta tendência não como uma condenação do projeto europeu, mas antes como um sintoma de um clima de opinião que ainda estaria para ser deslocado para muito mais longe, na direção dos mercados livres, não apenas na Europa, mas no mundo, onde a centralização ocorreu de forma semelhante.

Tanto sobre as ideias de Hayek sobre a União Europeia de hoje. E sobre o *Brexit*? Hayek era um anglófilo, um fã confesso do *common law* e um céptico do racionalismo continental. Como Burkeano, era também a favor da reforma institucional em vez da revolução. Assim, parece-me que teria apreciado muito o envolvimento britânico no projeto europeu, como uma influência moderada nas tendências construtivistas dos políticos continentais e um contrapeso liberal saudável ao corporativismo alemão e ao estatismo francês. Não posso imaginar Hayek a endossar o *Brexit*, especialmente agora que a soberania nacional e o controlo de fronteiras se tornaram o grito de guerra do campo do “*Sair*”.

Levantar hipóteses sobre a posição que Hayek poderia ter tido sobre a UE e o futuro referendo ajuda-nos a compreender o quanto o mundo mudou para melhor desde que o próprio Hayek especulou sobre o futuro do liberalismo e da ordem internacional. O que era extremamente utópico em 1939 tornou-se agora parte da realidade, semelhante ao que ele contemplou. Com isso em mente e à luz da sua própria experiência de vida, é claro para mim que Hayek teria aconselhado contra a saída britânica da União Europeia. ■